

Coleção Aventuras Grandiosas

Ivan Turguêniev

O RELÓGIO

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

2ª edição

 EDITORA
RIDEEL

Capítulo 1

Esta é uma história curiosa, a história de um relógio. Ela aconteceu em 1801, quando eu tinha recém-completado dezesseis anos. Eu morava na cidade de Riazan, perto do rio Oka, em uma pequena casa de madeira. Minha família era meu pai, meu primo Davi e minha tia Peláguia. Minha mãe morreu três anos após o casamento e não me lembro dela.

Meu pai, Porfiri Pietróvitch, tinha mais de quarenta anos, era muito magrinho e estava quase sempre adoentado. Ele trabalhava cuidando de negócios de outras pessoas. Dizia que era um procurador, embora pessoas com o mesmo **OFÍCIO** fossem, até pouco tempo, chamadas de **RÁBULAS** ou **CHICANEIROS**.

Era sua irmã quem tomava conta da casa. Peláguia já tinha cinquenta anos e nunca havia se casado. Embora minha tia agisse como uma pessoa muito religiosa, ela não tinha a mesma bondade de meu pai em seu coração. Eu não gostava de seu jeito bisbilhoteiro, sempre querendo se meter em assuntos que não te diziam respeito.

Nossa família não era pobre, mas nossa vida era **MÓDICA**. O irmão de meu pai, legor, havia sido **DEPORTADO** para a Sibéria em 1797 por expressar opiniões **JACOBINAS** e seu filho Davi, meu primo, acabou vivendo conosco. Davi era um ano mais velho que eu, mas eu ouvia tudo o que ele dizia e até te obedecia, como se ele fosse um adulto.

Acho que meu pai se sentia culpado por ter **DELATADO** o pai de Davi ao governo, pelo menos era essa história que as pessoas contavam na cidade. Por isso abrigava Davi lá em casa e, às vezes, penso, parecia ter medo de meu primo. Minha tia não gostava de Davi, mas eu o tinha como um líder. Estudávamos na mesma classe e tirávamos boas notas. As minhas eram melhores que as dele porque sempre tive boa memória.

Já ia esquecendo de falar o meu nome: Alexei. Nasci no dia sete de março e meu padrinho era Anastassi Anastassiévitch Putchkóv, mas todo mundo o chamava

- ★ **OFÍCIO:** profissão
- ★ **RÁBULA:** advogado de pouca cultura, enrolador
- ★ **CHICANEIRO:** trapaceiro no âmbito judicial
- ★ **MÓDICA:** simples, modesta
- ★ **DEPORTADO:** banido
- ★ **JACOBINAS:** democráticas
- ★ **DELATADO:** denunciado como culpado



de Nastassêi Nastassêitch. Era um negociante, do tipo que não **HESITA** em enganar os outros para aumentar os seus lucros. Nastassêi estava sempre envolvido em falcatruas, chegou a ser expulso da prefeitura e tinha vários processos na justiça. De qualquer forma, meu pai via nele alguma utilidade.

Meu padrinho era **ROLIÇO** e tinha um grande nariz pontudo que, para mim, lhe dava um aspecto de raposa. Seu nariz parecia estar sempre farejando alguma coisa e os olhos não paravam de se mover nunca, sempre tentando encontrar algo de seu interesse. Estava sempre bem arrumado e nunca dispensava o pó de arroz no rosto. No dia do meu aniversário, Nastassêi foi o primeiro a chegar.

— Alexei, meu afilhado! Sei que nunca te dei um presente, mas olha só o que eu te trouxe hoje!

Então vi sair de seu bolso um enorme relógio de prata, seguido de uma corrente de bronze. Fiquei **BOQUIABERTO** de tão alegre.

— Beija a mão do padrinho, vamos. Beija a mão do teu padrinho, fedelho! — gritava minha tia.

Fiz o que ela mandou, mas mesmo assim a **BRUACA** não calava a boca:

— Nastassêi, você ficou louco? Por que dar um relógio caro desses para um moleque?! Ele não precisa disso e vai acabar estragando um presente tão bom.

Enquanto todos falavam ao mesmo tempo, meu pai entrou na sala, viu o relógio e, meio sem jeito, agradeceu ao meu padrinho e o chamou para o escritório. Já ia correr para o quarto, para mostrar o relógio a Davi, quando ouvi meu pai falando entre os dentes:

— Nastassêi, não pense que esse presente vai te deixar **QUITE** comigo...

Capítulo 2

No quarto, Davi pegou o relógio e ficou examinando seu **DESIGN** por todos os ângulos. Até perguntar:

- ★ **HESITA**: fica indeciso
- ★ **ROLIÇO**: em forma de rolo, gordo
- ★ **BOQUIABERTO**: de boca aberta, pasmado
- ★ **BRUACA**: bruxa, mulher rabujenta
- ★ **QUITE**: sem dívidas
- ★ **DESIGN**: desenho, projeto





- Onde você conseguiu isto?
- Foi meu padrinho que me deu de aniversário.
- Teu padrinho Nastassêi?
- Ele mesmo.

Então Davi colocou o relógio em cima da mesa e ficou calado.

- Pelo jeito você não gostou do relógio, primo.
- Não é isso, Alexei. É um relógio lindo...
- E eu posso saber por que você ficou desanimado quando eu disse que era um presente do meu padrinho?

— Pode. Alexei, se eu fosse você, eu não aceitaria um presente do Nastassêi.

— Mas por quê?

— Ora, porque esse Nastassêi é um **CRÁPULA**. Aceitando o relógio você fica na mão dele, entende? Como se lhe devesse um favor. E nunca é bom dar crédito para **ORDINÁRIOS** como ele.

Fiquei calado, sem saber o que dizer. Em minha ingenuidade, não tinha pensado que aceitar um presente podia ser tão grave. Davi continuou falando:

— Aposto que você ainda agradeceu pelo presente. Não duvido que tenha até mesmo beijado a mão do canalha.

— Beijei. A tia me obrigou — confirmei, com vergonha.

Davi, que nunca ria, por achar que rir era coisa de pessoas fracas, riu de mim. Fiquei chateado. Pensei que agora ele me **DESPREZAVA**. Eu havia lhe decepcionado e isso me deixava mal. Comecei a pensar em uma forma de reparar a situação.

Pensei em devolver o relógio, mas era algo que julgava impossível. Não tinha coragem de devolver o presente. Meu padrinho ia perguntar o porquê de eu devolver e eu não saberia o que dizer. Não teria coragem de **AFRONTÁ-LO** dessa forma. Seria de muita má-educação de minha parte.

Falar com o meu pai sobre o assunto, pedir sua opinião, seu conselho, também não era uma boa ideia. Meu pai era muito fechado e nunca gostava de comentar sobre seus negócios comigo. Angustiado tentei pedir ajuda para Davi. Ele estava deitado em sua cama, lendo.

- ★ **CRÁPULA**: canalha, calhorda
- ★ **ORDINÁRIOS**: grosseiros, medíocres
- ★ **DESPREZAVA**: rejeitava, não dava valor
- ★ **AFRONTÁ-LO**: encará-lo, confrontá-lo

— Primo, eu preciso da sua ajuda. Será que você pode me dar um conselho? O que eu devo fazer com esse **CEBOLÃO**?

— Eu não dou conselhos. Faça o que quiser — ele disse, sem tirar o livro da frente de seu rosto.

— Que beleza! — pensei com **IRONIA**. Como que eu não tinha pensado nisso antes: fazer o que quiser! Assim, tão fácil, tão simples. Fiquei com raiva da indiferença de Davi e lembro que nem consegui dormir naquela noite. Meu cérebro não se desligava do problema: o que fazer com o cebolão?

A verdade é que eu gostei do relógio, seu brilho, seu formato, seu tamanho. Adorava o seu *tic-tac*... mas não suportava ser rejeitado por meu primo. Então, um pouco antes do amanhecer, chorando baixinho, cheguei a uma decisão e consegui dormir um pouco. Quando acordei, coloquei uma roupa e fui correndo para a rua. Tinha resolvido dar o relógio para o primeiro mendigo que eu visse.

Não foi preciso andar muito para achar um miserável. Ainda perto de casa, avistei um garoto de uns dez anos, descalço. Caminhei até ele e, sem **VACILAR**, estendi o relógio até sua mão.

Surpreso, o garoto deu um passo para trás. Talvez tivesse pensado que, pelo brilho, o relógio fosse uma faca ou canivete.

— Vai, pega. Eu lhe dou esse relógio. Pode fazer o que quiser com ele. Vende e compra um sapato ou comida pra sua família, tá? Tchau — disse, enfiando o relógio nas mãos do moleque de olhos arregalados e correndo de volta para casa.

Quando entrei no quarto ainda estava **OFEGANTE**. Davi me olhou curioso enquanto penteava o cabelo.

— Davi, você nem sabe o que eu fiz agora mesmo. Dei o relógio do Nastassêi.

Davi parou um pouco de se pentear e me olhou com uma cara de “como assim?”.

— Eu dei o cebolão de presente para um mendigo. Um moleque, sabe, desses que andam aqui pelo bairro.

Davi guardou o pente, como se quisesse me escutar com mais atenção.

- ★ **CEBOLÃO**: apelido de relógio grande
- ★ **IRONIA**: dizer o contrário do que realmente se está pensando ou sentindo
- ★ **VACILAR**: hesitar, agir sem firmeza ou decisão
- ★ **OFEGANTE**: sem fôlego





— Agora ele pode, sei lá, vender o relógio e comprar algo bom pra família dele — eu disse com calma e fiquei quieto, esperando a opinião de meu primo.

— Você fez bem — disse Davi, sempre econômico para falar, enquanto se dirigia até a sala.

— Mas e quando alguém sentir falta do relógio e perguntar por ele, o que você vai dizer?

— Vou falar que perdi o cebolão — falei com uma falsa indiferença, como se fosse fácil comunicar alguém que eu havia perdido algo valioso.

Nem eu nem Davi tocamos mais no assunto naquele dia. Achei que minha solução havia sido acertada e que meu primo tinha voltado a me admirar. Por dois dias ninguém na casa sentiu falta do meu presente. Meu pai estava muito atarefado com seus negócios, mas, mesmo assim, eu não conseguia parar de pensar no presente perdido. Davi, com seu jeito quieto, só uma vez falou de passagem que não esperava de mim uma ação tão ousada quanto a que tive. Essa indiferença dele comigo me fez ficar meio arrependido de ter dado o relógio.

A situação piorou quando um médico foi visitar meu pai e levou com ele seu filho. O garoto não parava de exhibir seu relógio novo, de cobre, como se, por possuir aquele relógio, ele fosse mais importante do que a gente. Fiquei com raiva dele e de mim. Concluí que ter doado o cebolão tinha sido um erro. Sem que ninguém me visse, saí de casa, decidido a recuperar o meu presente.

Não foi difícil encontrá-lo. Era um moleque do tipo que está sempre na rua, provavelmente não frequentava a escola. Estava brincando com outros moleques. Discretamente, chamei o garoto e disse, nervoso:

— Meu pai ficou furioso comigo porque eu lhe dei o relógio. Por isso eu o quero de volta. Mas não se preocupe porque eu vou lhe dar um dinheiro em compensação.

Esse dinheiro, um rublo de prata, era tudo o que eu tinha. O moleque me ouviu assustado e por fim falou:

— Mas, mas... eu não tenho mais o relógio!

— Você o vendeu?

— Não, foi o meu pai. Ele pegou o relógio de mim e disse que ia me surrar, falando que eu era um ladrão, que eu tinha roubado o relógio. Ele não acreditou em mim. Disse que só um... imbecil ia me dar um relógio caro e bonito como aquele.

— Qual o nome do seu pai?

— É Trofímitch.

— E o que ele faz?

— É um sargento **REFORMADO** do exército, mas não faz muita coisa não. Só conserta sapatos velhos.

— Quero que você me leve até sua casa. Vamos esclarecer essa situação, certo?

— Tudo bem. Assim meu pai vai ver que eu não sou ladrão. Já não aguento mais ele gritando “sai daqui, ladrãozinho” ou a minha mãe falando “um ladrão na família! Que desgraça! Deve ter puxado essa sem-vergonhice da família do seu pai...”

Chegando na “casa”, tive pena do garoto. Eles viviam em um barraco no fundo de uma fábrica abandonada. O sargento do exército era um senhor alto, um pouco encurvado. O corpo ainda era **POSSANTE**, mas o rosto, muito enrugado, atestava a idade avançada. Usava **SUÍÇAS** e cavanhaque crescidos e amarelados. Sua mulher era ainda mais **MALTRATADA** do que ele. Suas roupas eram velhas e ensebadas, o ambiente era escuro e frio.

Com uma coragem e uma **RESOLUÇÃO** que até então não conhecia em mim, comecei a explicar a Trofímitch que eu havia dado o relógio ao seu filho e que, portanto, o garoto não era ladrão. O velho tinha um olhar duro, enrugado e analítico sobre mim. Quando acabei de falar, sua voz de soldado marchou raivosa:

— Mas vocês são uns moleques mesmo! Mesmo que o Piêtká não tenha roubado essa porcaria de relógio, ele merecia uns tapas por tê-lo aceito! Claro que, se ele fosse ladrão, eu ia dar umas chicotadas nesse pilantra. Mas que coisa!

— Senhor — eu disse com calma e alguma ternura na voz —, se o senhor quiser me devolver o relógio eu lhe dou um rublo de prata.

— Cala a boca, Uliana! — gritou o velho para sua esposa, que fez menção de dizer alguma coisa.

Depois me olhou, com aquele olhar de milico, abriu uma gaveta sem tirar os olhos de mim e pegou o relógio:

— Aqui está o relógio. Se ele é mesmo seu, pode levá-lo.

O cebolão brilhava na luz fraca da sala. O velho me olhava duro e antes que eu pegasse o relógio ele completou:

— E quanto ao rublo, por que você acha que eu devo aceitá-lo?

- ★ **REFORMADO**: aposentado das forças armadas
- ★ **POSSANTE**: forte
- ★ **SUÍÇAS**: barba no lado do rosto
- ★ **MALTRATADA**: sofrida, usada
- ★ **RESOLUÇÃO**: decisão, propósito





— Aceite a moeda! — gritou a velha Uliana, seu cabelos secos, parte brancos parte cor de palha. — Você enlouqueceu de vez, salgento? Não tem um **COPEQUE** nesse bolso furado e fica aí se fazendo de orgulhoso! Já fez a estupidiez de devolver o relógio, agora pelo menos pegue o dinheiro.

— Já mandei você calar a boca, velha **DECRÉPITA**. A Rússia está perdida mesmo! Onde já se viu uma mulher falar desse jeito com o marido!

— O rublo é uma recompensa, senhor, pela sua honestidade. Por me ajudar a recuperar esse relógio.

O velho me olhou ainda com raiva. De mim, da mulher, do filho, da Rússia, de tudo. Por fim, estendeu-me o relógio, mas não abria a mão para soltá-lo. Até que gritou:

— Onde está o rublo?

— Aqui — respondi, tirando a moeda do bolso e a colocando sobre a mesa.

Então ele pegou a moeda e me deu o relógio e começou a gritar:

— Fora daqui! Fora daqui, **CORJA!**

Não precisei escutar duas vezes a ordem do sargento e me mandei daquele lugarzinho infernal.

Capítulo 3

Mesmo tendo recuperado a posse do relógio, eu continuava inquieto. É que, agora, o cebolão não me dava mais alegria, apenas preocupação. Não sabia como fazer para escondê-lo de Davi. Se meu primo soubesse que eu havia recuperado o relógio, ele voltaria a me desprezar. Então, eu ficava constantemente mudando o relógio de lugar. Colocava-o em cima do roupeiro, atrás do fogão, embaixo do colchão, mas nunca ficava tranquilo. Se ao menos nossa casa tivesse uma gaveta com chave, mas todos os armários eram da família, ninguém tinha uma gaveta **PRIVADA**.

Após alguns dias nessa função, eu estava exausto. Meu primo tinha saído e eu decidira aproveitar sua ausência para polir o relógio. Estava distraído quando

- ★ **COPEQUE**: o centavo do rublo
- ★ **DECRÉPITA**: muito velha e fraca
- ★ **CORJA**: grupo de pessoas desprezíveis
- ★ **PRIVADA**: particular

vi a porta se abrir e Davi entrar no quarto. Fiquei vermelho de vergonha, com o cebolão na mão. Davi me olhou com o seu jeito frio.

— Qual o problema? Eu já sabia que você tinha pego o relógio de volta. Eu vi o cebolão em cima do roupeiro, já no primeiro dia em que você o recuperou.

— Olha, eu quero explicar que... — tentei justificar, quase chorando.

Davi fez sua cara clássica de indiferença:

— Alexei, o relógio é seu. Então, faça o que quiser com ele.

Disse isso e saiu do quarto. Fiquei desesperado. Ser rejeitado por ele era terrível. Pensando em reconquistar sua confiança, peguei o relógio. “Ele vai ver que eu não sou desse jeito,” eu pensava. Na porta da frente, encontrei um sujeito que fazia pequenos serviços para meu pai.

— Oi, lúchka — eu disse, com a voz nervosa, alterada.

— Olá, Alexei, como vai?

— Na verdade vou mal, preciso de um grande favor seu. Uma grande ajuda.

— Sério? Mas como eu posso ajudar?

— lúchka, eu tenho um relógio de prata aqui, mas eu não posso ficar com ele. Então eu quero que você o aceite de presente.

— Mas eu não entendo, Alexei! Por que não pode ficar com ele? Por que quer dar logo pra mim? Por que não dá para alguém da sua família? Nós mal nos conhecemos...

— lúchka! — gritei muito nervoso. — Ou você aceita esse maldito relógio ou eu **ESPATIFO** ele no chão agora mesmo! E depois joga os restos na fossa!

lúchka parou de falar, achou graça no meu jeito revoltado e resolveu pegar o relógio. Voltei para o quarto e contei para Davi o ocorrido. Ele riu da história, ainda com o jeito indiferente e repetiu que o relógio era meu e eu podia fazer o que quisesse com ele. Em sua voz, senti que ele já não me desprezava tanto.

Com o passar dos dias, fui me convencendo de que nem Davi nem ninguém poderia me acusar de fraco ou de mau-caráter. Afinal, se por um lado eu havia aceito o presente de um sujeito desprezível como meu padrinho, por outro eu havia me desfeito dele. Arrependi-me de ter me humilhado na frente do velho salgento e ainda por cima de ter dado um rublo para ele, mas ter vivido aquela experiência me fazia mais maduro agora.

★ **ESPATIFO**: quebro, arrebento





Algumas semanas depois recebemos a notícia de que o **CZAR** Paulo havia morrido e que seu **SUCESSOR** seria seu filho Alexandre, já famoso pelo espírito justo e **HUMANITÁRIO**. Davi virou outra pessoa com a notícia. Seu coração se encheu de esperança. Havia rumores de que todos os exilados seriam libertados e poderiam voltar da Sibéria. Davi não via a hora de rever seu pai legor. Estávamos todos na expectativa. Davi e eu fazíamos planos para quando o tio voltasse.

— O pai é arquiteto — dizia Davi. — A gente podia se mudar para Moscou e lá construir escolas para a população pobre!

— E nós vamos trabalhar como assistentes do tio legor — eu sonhava.

Nesses dias de espera e entusiasmo, não falamos mais no cebolão, mas aquele relógio tinha o claro objetivo de não ser esquecido.

Em uma manhã de abril, com a primavera russa derretendo a neve e o brilho do mundo transbordando pelas janelas, eu estava distraído, olhando as crianças brincar na rua, quando minha tia veio me chamar.

— Seu sem-vergonha! Ande logo. Seu pai quer muito falar com você. Nastassêi descobriu suas travessuras e é melhor se preparar para o pior!

Fiquei assustado, sem entender o que estava acontecendo. Quando cheguei na sala, vi meu pai com a cara amarrada, Lúchka chorando em um canto com a mão sobre os cabelos desalinhados e meu padrinho, com as mãos nos bolsos e um sorriso maldoso no rosto. Ao me ver, meu pai perguntou com **RUDEZA**:

— Você deu o relógio para o Lúchka?

Por um momento parecia que eu não tinha forças para falar. Olhei para o Lúchka, arrasado no canto da sala.

— Responde, garoto! Deu ou não deu?

— Dei.

Senti a mão pesada do meu pai atingir meu rosto com força. A bofetada me fez virar a cara. Minha tia soltou uma risada que mais parecia uma galinha cacarejando ao ver a cena. Baixei a cabeça. Minha bochecha ardia. Meu pai falava com Lúchka:

- ★ **CZAR**: título dos antigos imperadores da Rússia
- ★ **SUCESSOR**: quem substitui alguém
- ★ **HUMANITÁRIO**: que zela pelo bem-estar da humanidade
- ★ **RUDEZA**: indelicadeza

— Ele é um moleque **INCONSEQUENTE**, mas você é um **PATIFE**. Jamais deveria ter aceito o relógio e, pior do que isso, nunca deveria ter vendido algo que você não sabe de onde veio!

Mais tarde eu soube que Lúchka havia vendido o relógio por uma ninharia ao relojoeiro mais próximo à nossa casa. Meu padrinho Nastassêi, ao passar pelo local, reconheceu o disco de prata na vitrine. Após entrevistar o dono da loja, sobre a **PROCEDÊNCIA** do cebolão, decidiu comprá-lo mais uma vez e trazê-lo de volta à casa.

Após ter xingado Lúchka e ter me esbofeteado, o pai se acalmou um pouco. Não era um homem de guardar a raiva por muito tempo, por isso, quando era necessário, ele **EXTRAVASAVA** e liberava suas irritações de uma só vez. Chego a pensar até que, após o **CLÍMAX** de seu nervosismo, ele ficou meio envergonhado. Talvez por isso tenha deixado minha tia tomar as rédeas da situação. Ela falou:

— Meu irmão, mantenha sua calma. Não vale a pena você se atormentar tanto com essa situação que, afinal de contas, já está resolvida. Acredito que os jovens aqui envolvidos aprenderam uma lição hoje. E eu tenho uma ideia para que a paz volte a reinar nesta casa. Proponho, se Nastassêi estiver de acordo, que o relógio fique sob minha proteção, uma vez que Alexei não se mostrou um dono responsável para tão valioso presente. Meu plano é doar o relógio para uma pessoa que saberá lhe dar o valor real. Então, assim que a oportunidade aparecer, peço a sua autorização, Nastassêi, para doar o relógio.

— Doar para quem? — perguntou meu pai.

— Krisante Lúkitich Trankilitátin — minha tia respondeu, após dois segundos sem saber o que dizer.

— O quê? Quer doar o relógio para o Krisachka?! Faça o que quiser, desde que Nastassêi permita. Mas, por mim, você pode até derreter esse cebolão no forno do fogão a lenha! — gritava meu pai, as palavras saindo entre um ataque de tosse.

Abotoou o casaco e saiu da sala, sério e triste.

— E então, querido Nastassêi? — perguntou minha tia. — Você concorda comigo?

- ★ **INCONSEQUENTE**: imprudente
- ★ **PATIFE**: descarado, sem-vergonha
- ★ **PROCEDÊNCIA**: origem
- ★ **EXTRAVASAVA**: saía do normal, dos limites
- ★ **CLÍMAX**: auge, ponto culminante





— Certamente que sim, minha cara — disse meu padrinho, com sua alegria na cara de homem-raposa.

Eu detestei a decisão de minha tia. E achei muito ruim meu pai ter aceito toda aquela besteira. Mesmo que eu não morresse de amores pelo relógio, ter de doá-lo para um jovem desprezível como Krisante era algo injusto. Krisante era **SEMINARISTA**, mas simplesmente não sabia como se comportar. Derrubava coisas, quebrava copos, caía, fazia rasuras e não conseguia estudar conosco em casa, pois era muito burro. Acabava atrasando nossos estudos.

Seu rosto alongado lembrava o de um cavalo, só falta relinchar, eu pensava rindo. Krisante caminhava de um modo duro, como se tivesse cascos no lugar de pés, vestia sempre o mesmo casaco de lã e não cheirava bem. Por algum motivo, minha tia o adorava. Achava-o um cavalheiro. Eu achava seu comportamento irritante, principalmente quando ele inventava de aproximar-se das crianças para dar **PETELECOS** na testa dos pequenos, só para dizer, rindo como quem relincha:

— Que barulho gozado na sua testa! Será que ela é oca?

Deixar que um cavalo como ele se apoderasse do meu relógio era terrível, por isso prometi a mim mesmo que ele não ficaria com o cebolão por nada! Naquela noite, não dormi. Minha bochecha latejava, meu coração estava apertado. Tinha vergonha de meu pai e raiva da minha tia e de Krisante, o homem-cavalo protegido por minha tia. Ali, encolhido na cama, meu espírito começou a **CLAMAR** por vingança. Se aquele seminarista besta achava que ia sair por aí desfilando com o meu relógio no bolso do colete, estava enganado. Eu estava decidido a **FURTAR** o cebolão.

Capítulo 4

Minha tia estava com o relógio, iria ficar com ele até o dia seguinte, quando Krisante Trankilitátin nos visitaria e lhe daria o relógio. Eu só pensava em roubar meu ex-cebolão. Passei o dia com raiva, desejando vingança. Quase nem me

- ★ **SEMINARISTA:** quem estuda em um seminário, para se formar padre
- ★ **PETELECO:** golpe desferido com o indicador ou o dedo médio, firmados no polegar, geralmente aplicados nas orelhas ou na testa
- ★ **CLAMAR:** exigir, gritar
- ★ **FURTAR:** roubar

mexi, apenas pensando em ter de volta o meu presente, em não deixá-lo para um futuro padreco.

Nunca estive de acordo com o roubo ou os ladrões, mas a ideia de roubar minha tia era algo **FASCINANTE**. Seria uma forma de lhe dar uma lição, afinal ela estava sempre me xingando, fazendo fofocas e rindo de mim, quando eu era **REPREENDIDO** por meu pai. Sentia meu rosto esquentar e a barriga arder só de pensar em roubar o cebolão. Durante o dia, fiquei de olho em minha tia, mas ela não se desgrudou do relógio. Estava toda hora brincando com ele, vendo as horas, polindo sua tampa. Mas à noite ela tinha de dormir. Certamente esconderia o relógio em seu quarto e caberia a mim entrar lá, procurá-lo e roubá-lo, para o bem da humanidade, pensava com exagero e bom humor.

A manhã e a tarde se arrastaram de forma interminável. Quando anoiteceu, a família se reuniu para o jantar. Meu pai tentou ser **CORDIAL** comigo. Era um homem que não guardava raiva, mas eu o tratei com frieza, pois não queria perder o sentimento de vingança enjaulado dentro de mim. Se eu fizesse as pazes com meu pai, era provável que desistisse de furtar o relógio e, no momento, eu só pensava em me tornar um ladrão. Após o jantar as pessoas ficaram conversando, parecia que ninguém tinha sono. Eu já estava impaciente, sentado em uma poltrona, fingindo ler um livro contra a luz fraca de uma lamparina.

Quando por fim meus familiares foram dormir, meu humor melhorou. Esperei mais uma hora, até que uma camada de silêncio cobrisse a casa. Tirei os sapatos, ficando só de meias e comecei a caminhar em direção ao quarto de minha tia. Ainda na sala esbarrei em uma cadeira. O móvel se arrastou alguns centímetros fazendo o que julguei ser um barulhão, mas em seguida não ouvi nenhum barulho e retomei minha marcha. Para ter mais mobilidade, não usava nem velas nem lamparinas. Meu plano era me guiar no quarto através da luz de uma vela que minha tia deixava sempre acesa em homenagem aos seus santos.

Abri a porta do seu quarto com facilidade, minha tia nunca **CHAVEAVA** o quarto. Dentro de seu aposento cada passo era uma luta. Comecei a suar frio. Minhas pernas tremiam e pareciam pesar duzentos quilos cada uma. Se ouvia um ruído sequer na rua, eu já parava, prendia a respiração e deixava meus olhos

- ★ **FASCINANTE**: que fascina, encanta
- ★ **REPREENDIDO**: advertido
- ★ **CORDIAL**: afetuoso, sincero
- ★ **CHAVEAVA**: trancava à chave





percorrerem o quarto em busca do relógio. Minha tia dormia com a respiração regular e pesada. Não era comum que ela acordasse à noite para tomar água ou ir ao banheiro e isso me deixava um pouco menos nervoso.

De repente, vi, dependurado na cabeceira da cama, meu relógio. Sua prata **FAISCAVA** na **PENUMBRA**. Quando me preparava para inclinar meu corpo sobre minha tia, para pegar o cebolão, senti algo peludo roçando nos meus pés. Meu estômago queimou e por pouco não soltei um grito. Olhei para baixo e reconheci o grande gato rajado da família. Estava curioso com a minha presença e subiu na cama para melhor me observar.

— Psss... — sussurrei para ele, colocando o indicador na frente da boca. Acho que ele entendeu.

Voltei a me posicionar para pegar o relógio. Estiquei o braço e peguei o cebolão de prata. Estava no extremo da minha concentração e tinha medo de que minha tia acordasse com o barulho de meu coração pulando dentro do meu peito, quando tomei o maior susto da minha vida. **DE SÚBITO**, minha tia se ergueu na cama, ficando sentada. Com os olhos bem-arregalados ela me olhou. Fiquei paralisado, só esperando seu grito de susto, mas ela fechou os olhos e voltou a deitar.

Saí dali com rapidez e silêncio. Quando entrei no quarto, senti-me como Robin Hood, um ladrão heroico. Pensei em acordar Davi, para contar sobre meu feito, mas acabei dormindo **EXAURIDO**. Quando acordei, meio assustado, o dia já tinha nascido, mas a casa ainda estava em silêncio. Pulei da cama e fui logo acordar meu primo. Conte pra ele toda a minha aventura noturna. Ele me escutou com um brilho nos olhos e depois falou:

— Olha só a minha ideia. A gente vai agora enterrar essa droga de relógio, pra ver se ele para de causar problemas. O que você acha?

Eu adorei a ideia. Enterrar algo valioso me lembrava as histórias de piratas em ilhas desertas do Caribe, algo tão longe e tão mais quente e colorido do que a minha realidade na Rússia, que não tive como recusar. Rapidamente nos vestimos e corremos até os fundos da casa, onde, ao pé de uma grande e velha **MACIEIRA**,

- ★ **FAISCAVA**: lançava faíscas
- ★ **PENUMBRA**: meia-luz, ambiente parcialmente no escuro
- ★ **DE SÚBITO**: repentino, inesperado
- ★ **EXAURIDO**: esgotado
- ★ **MACIEIRA**: árvore das famílias das rosáceas, capaz de produzir frutos deliciosos chamados de maçãs

enterramos a praga do relógio. Nem eu, nem minha tia, nem o Krisante, futuro padrego cara de cavalo, nem ninguém ficaria com o relógio do mal ! Voltamos para o quarto e ainda conseguimos dormir por mais duas horas antes de a bomba estourar.

Minha tia acordou como uma avalanche e logo toda a casa estava de pé, com seus gritos infernais:

— Pega ladrão! Fui roubadaaaaa! Socorrooooo! Onde está o meu relógio!

Tive de me controlar muito para não rir na frente dela, porque a situação era cômica. A mulher corria de um lado para o outro, revirando móveis, perguntando, sacudindo coisas e pessoas. Davi e eu esperávamos que ela ou até mesmo que meu pai me acusassem pelo roubo. Eu até já sabia como me defender. Diria que eu não tinha motivos para roubar o relógio, uma vez que eu o odiava. Cheguei até mesmo a doá-lo!

Meu pai ficou muito irritado quando soube do roubo. Pensou em chamar a polícia e só desistiu quando percebeu que o escândalo feito por minha tia o irritava mais do que o sumiço do cebolão:

— Pelágua — gritou para minha tia —, a senhora queira se comportar! Fique quieta já. Eu não aguento mais essa ladainha. Dane-se esse relógio e dane-se o Nastassêi, que teve a ideia de trazê-lo para cá. E se você, minha irmã, está preocupada com a reação do Nastassêi quando ele souber do roubo, então dane-se você também! Ele é um canalha e não merece que a gente se preocupe com ele ou com o que vai pensar da gente. Então, chega de choro, chega de gritaria. Não se fala mais nesse assunto. Não me incomodem mais com isso. E isso serve para você também, Alexei!

Como queira senhor, pensei. A reação de meu pai tinha sido ótima. Depois, conversando com Davi, descobri que Nastassêi havia feito meu pai perder um bom dinheiro em alguma negociata, por isso ele estava tão furioso com meu padrinho. Minha tia teve de aguentar calada a perda de seu relógio. Mas o evento aumentou a **REPULSA** que ela sentia por mim. Mais de uma vez ela passou por mim e resmungou baixinho: “Ladrão”. Suas ofensas me divertiam. Assim como também me divertia passear pelo pomar, ali por perto da macieira. Mas se engana quem pensa que a história do relógio chegou ao fim. Ela ainda vai longe e, para contá-la melhor, tenho de voltar um pouco no tempo e contar alguns ocorridos anteriormente.

★ **REPULSA:** aversão



Capítulo 5

Dois anos antes de Nastassêi ter me dado o relógio, meu pai era sócio e muito amigo de um funcionário público aposentado chamado Látkin. Estavam sempre juntos, comemoravam suas vitórias nos negócios e dividiam os prejuízos. Látkin era um homem **FRANZINO**, muito quieto e feio. Conhecia a lei, suas falhas e como tirar proveito delas como poucos, mas sua timidez não o deixava lucrar com esse conhecimento. Por isso havia se aliado a meu pai, uma figura mais **ELOQUENTE**. Nossas famílias eram amigas e alegres dentro daquela amizade que nascera através dos negócios, e parecia que ia durar para sempre.

Mas não durou.

Talvez por inveja ou por achar que estava sendo enganado na sociedade ou ainda em um momento de arrependimento e honestidade, Látkin traiu meu pai. Ele contou a um cliente moço e rico todo o esquema que estava armado para que tirassem proveito do jovem. Se tivessem perdido o negócio naturalmente, meu pai não ficaria bravo, apenas chateado. Mas com a traição, ele ficou **COLÉRICO**.

Lembro até hoje de meu pai **ESBRAVEJANDO** na cozinha com o rosto vermelho, olhos saltados e cuspidando enquanto falava:

— Aquele sujeitinho! Aquele... aquele imbecil! O que ele pensa que é agora? Um santinho! Faça-me o favor! Nesta casa ele não pisa mais.

Bem na hora da fúria, Látkin bateu à porta de nossa casa e meu pai, possuído pela **IRA**, falou:

— Nossa sociedade acabou! Não posso confiar em você, não sei como o deixei me enganar assim! Achei que você fosse esperto, mas você é todo cheio de **ESCRÚPULOS** e vai acabar na miséria por causa disso!

Látkin se ajoelhou, se humilhou, pediu o perdão de meu pai, pediu para reatarem a sociedade, disse que sua honestidade tinha sido um momento de fraqueza, que estava arrependido, mas não teve jeito. Meu pai não o perdoou.

- ★ **FRANZINO**: fraco, frágil
- ★ **ELOQUENTE**: que se comunica com facilidade
- ★ **COLÉRICO**: enraivecido
- ★ **ESBRAVEJANDO**: gritando com raiva
- ★ **IRA**: raiva, cólera
- ★ **ESCRÚPULOS**: senso moral, bom caráter

Nos meses seguintes, a vida de Látkin começou a **RUIR**. Era como se o destino tivesse seguido a maldição que meu pai rogou a seu sócio. Sua mulher morreu, sua segunda filha ficou surda-muda, com três anos de idade apenas, após um enxame de abelhas lhe cobrir a cabeça. Látkin não conseguia mais trabalhar e, como seu salário de aposentado era pequeno, a família passava dificuldades. A situação piorou quando ele teve um ataque de **APOPLEXIA**.

Ainda adolescente, Raíssa, sua filha primogênita, teve de assumir o lar. Sua rotina era muito cansativa. Ela cozinhava, lavava as roupas, fazia as compras, cuidava da irmã e do pai e limpava a casa. Quando nossos pais eram amigos, Raíssa muitas vezes nos visitava. Gostava de costurar, tinha mãos bonitas, dedos rápidos, muita coordenação motora. Sempre a achei uma garota bonita, magra, pele branca, cabelos castanho-escuro e olhos vivos. Olhos muito inteligentes. Lembro que eu adorava vê-la andar. Seus movimentos eram graciosos. Davi e eu a chamávamos de Amorinha, porque ela tinha um pequeno sinal de nascença azul no canto esquerdo do lábio superior. Era uma pequena mancha como se ela tivesse recém-comido uma amora. O sinal era seu charme e a deixava mais sensual.

Ela era um ano mais velha que Davi. Eles se davam muito bem, mesmo que às vezes não conversassem muito, tinham uma espécie de **CUMPLICIDADE**. Podiam passar a tarde juntos no quarto ou no pomar, lendo, desenhando, costurando. Eu tinha uma grande admiração por ela. Embora não a conhecesse muito bem, gostava de suas visitas.

Mas, quando meu pai e Látkin cortaram relações, fomos obrigados a não falar mais com ela. Estávamos proibidos de visitar a família Látkin e Raíssa tampouco apareceu em nossa casa. Davi tinha coragem para desrespeitar a proibição e muitas vezes foi atrás de Raíssa. Ele tentava ajudá-la como podia. Às vezes ela aparecia na cerca do pomar para pedir ajuda a Davi, eu escutava a conversa quieto:

— Davi, meu pai não fala coisa com coisa. Ontem ele ficou me pedindo a tesoura durante horas. Quando eu a alcançava, ele jogava a tesoura no chão. Até que eu descobri que tesoura para ele significa pão. Essa doença o faz trocar o nome dos objetos, é horrível. Semana passada ele me chamou de Vassilievna pela primeira vez e agora só me chama assim. Tenho medo de que ele esqueça de tudo!

- ★ **RUIR**: desmoronar
- ★ **APOPLEXIA**: lesão no cérebro
- ★ **CUMPLICIDADE**: parceria, sociedade





Era triste ver uma garota tão especial como a Raíssa tendo de sofrer tanto. Tendo de lidar com tantos problemas. Essa vida trabalhosa havia feito com que ela amadurecesse rapidamente e de forma endurecida. Era raríssimo ver seu sorriso branco, cheio de dentes grandes e bem-formados.

Lembro que, no dia em que sua mãe morreu, ela foi até a cerca do pomar de nossa casa encontrar apoio na amizade e no carinho que tinha por Davi:

— Davi, minha mãe morreu hoje de madrugada — disse com o rosto muito branco, os lábios tremiam. Parecia estar com frio, os olhos parados, úmidos.

Davi olhava para ela sem saber o que fazer, o que dizer.

— Preciso da sua ajuda agora.

— Claro, Raíssa. Pode contar comigo para tudo. Como está o seu pai?

— Em sua linguagem confusa, ele fica falando que quer morrer também.

— Eu preciso de dinheiro para o enterro. Pensei em vender para vocês esse xale — sua fala foi interrompida por um momento de choro, até que a moça controlou sua tristeza e continuou. — Era do enxoval da mamãe, agora ela não vai precisar. Os padres já me ofereceram doze rublos por ele, mas eu achei tão pouco...

— É muito pouco mesmo, esses padres só pensam em dinheiro! — disse Davi.

Eles ficaram conversando enquanto eu pensava nas diferenças da vida. Em como a vida de Raíssa seria cada vez mais difícil. Ela chegou a dizer que não tinha tempo nem para chorar. Ou chorava ou cuidava da irmã, do pai, do fogão, do tanque de lavar roupas. Davi disse que chorar era coisa para os ricos. E eu fiquei pensando em como Raíssa era valente, tinha **FIBRA**.

Alguns meses depois, Raíssa voltou a nos visitar. Desta vez estava acompanhada de sua irmãzinha surda-muda. Uma garota graciosa, dona de grandes olhos curiosos, olhos que queriam ouvir e falar, além de ver, como se assim compensassem a deficiência dos ouvidos e do aparelho fonador.

— Meu pai está pior. O doutor receitou um remédio muito caro. Temos pouca lenha para cozinhar e aquecer a casa nesses dias frios e nosso **SENHORIO** ameaçou **CONFISCAR** nossa lenha porque o aluguel está atrasado!

— Ele não pode fazer isso! Ele não tem esse direito! — gritava Davi com seu coração heroico.

★ **FIBRA**: força, ânimo

★ **SENHORIO**: proprietário de um imóvel alugado

★ **CONFISCAR**: apoderar-se, apossar-se

— Acho que minha única chance é vender esta luneta que achei em um baú de meu pai.

Davi examinou o objeto meio que maravilhado.

— Quanto será que ela vale? — perguntou Raíssa.

— No mínimo dez rublos. Eu fico com ela. Toma aqui parte do dinheiro, te pago o resto amanhã. Com esse dinheiro acho que você consegue comprar o remédio.

Ela ficou alegre e sorriu com a boca fechada.

— Viu, Raíssa. Se um dia você quiser a luneta de volta, eu devolvo, tá?

— Está bem. E eu devolvo os dez rublos. Se eu nunca devolver, você fica com a luneta para sempre.

— Isso, a luneta é a garantia. Uma bela garantia, já que é inglesa e a Inglaterra é demais!

— Mas nós não declaramos guerra aos ingleses? — perguntou Raíssa.

— Não! Nós estamos dando uma surra nos franceses — meu primo disse rindo.

— Então está bem. Tenho de ir agora, até logo.

Os dias iam passando nesse ritmo. Davi cada vez mais próximo de Raíssa e cada vez mais com saudades de seu pai. Ficava horas na cama, antes de dormir, perdido em sonhos e pensamentos. Falava dele com prazer e exagero para mim:

— Meu pai é muito forte. Levanta cem quilos em cada mão. E a voz dele então? É tão grossa que chega a tremer as paredes. Não tem medo de nada nem de ninguém. Quando ele voltar, vamos morar na capital.

— E o que vão fazer lá?

— Em Moscou? Faremos tudo! Meu pai vai encontrar um bom emprego, eu vou me casar e...

— Mas você vai demorar para se casar — interfeiri.

— Vou nada. Eu me caso logo, logo. Assim que der.

— Que? Você vai casar? — perguntei espantado. — Mas com quem?

— Alexei, você está sempre boiando. Sempre distraído. Vou me casar com a Raíssa, ora. Mas que pergunta!

— Não acredito! Você tá de gozação, né? Tá brincando comigo.

— Eu não sou de brincadeiras, primo — Davi disse bem sério.

— Mas ela tem um ano a mais do que você!

Ele riu e disse:

— Grande coisa! Grande coisa! Qual o problema disso? Agora, chega de conversa, vamos dormir.

— Tá, mas ela sabe que vai casar com você?



— Acho que sabe, Alexei.

— Como assim, “acho”? Você não declarou seu amor por ela?

— Claro que não. No momento certo eu falo com ela. Agora, chega desse assunto.

Ele saiu do quarto e foi ao banheiro. Era um rapaz muito prático, eu me sentia alegre em ser amigo dele e, depois daquela conversa, Raíssa me pareceu ainda mais encantadora, já que agora iria fazer parte de nossa família.

Capítulo 6

Os dias e as noites se alternavam na janela do meu quarto. Pela rua eu via Raíssa caminhando cheia de vida, com uma seriedade no rosto. Minha tia ainda me alfinetava, chamando-me de ladrão, e meu pai, totalmente imerso nos negócios, mal cumprimentava os demais habitantes da casa.

Um dia, passando pelo pomar, notei que a terra sob a macieira estava um pouco mexida. A imagem do relógio veio à minha mente. Será que alguém havia descoberto o nosso tesouro?, pensei. Será que o cebolão tinha sido roubado? Mesmo que eu não quisesse o relógio, não podia admitir que fosse roubado. Por isso, na madrugada, cavei um enorme buraco, a cerca de um metro cúbico, e fiquei **PASMO**: o relógio tinha mesmo sido roubado.

Minha suspeita recaiu sobre Davi. Ele era o único que sabia onde o relógio estava. Além disso, queria se casar e Raíssa estava sempre precisando de dinheiro. Ele podia ter lembrado do relógio e pensado que ele seria mais útil vendido do que enferrujando debaixo da terra. Mesmo entendendo seus motivos para o roubo, fiquei possuído pela ideia de ter sido traído.

Perdi o encanto que tinha por meu primo e passei a tratá-lo com frieza. Eu mesmo comecei a ficar aborrecido, passava os dias quieto. Se Davi vinha falar comigo, eu o tratava com indiferença, desânimo ou ironia. Mas ele não se sentia afetado por meu comportamento. Agia como se eu não estivesse me dirigindo a ele. Um dia não me contive e perguntei:

— Davi, você acha que o cebolão ainda tá funcionando, mesmo lá debaixo da terra?

Ele respondeu de modo espontâneo:

★ **PASMO**: espantado, assombrado



— Sei lá!

Comecei a pensar que ele era inocente, mas, por ignorância minha, não abri o jogo com ele. Hoje penso que muitos de meus problemas quando jovem poderiam ter sido resolvidos facilmente se eu falasse com as pessoas, conversasse com elas em vez de apenas supor. Eu era muito **BRONCO** quando adolescente. Não conseguia me comunicar direito e por isso tirava conclusões **PRECIPITADAS** e erradas. Ainda bem que, em relação a Davi, um acontecimento inesperado me deixou ciente da verdade.

Estava caminhando pelo bairro, quando passei pela janela fechada, já que estava frio, de um boteco e ouvi a frase:

“Coisa de moleque! Eles enterraram uma **RELÍQUIA** dessas no pomar”.

Parei e fiquei escutando. Sem dúvida alguma, a voz falava do meu cebolão. Era uma voz familiar:

— Mas, conte-me mais sobre esse relógio — pediu uma voz desconhecida.

— Tive sorte, acordei de manhãzinha, após um pesadelo, e fui até a janela, de onde vi os dois garotos cavando no pomar debaixo de uma macieira. Vi que enterraram lá um objeto de prata.

— E daí, Vassili, quando eles foram embora você foi lá e desenterrou o tesouro?

— Vassili! — pensei. Um sujeitinho que fazia trabalhos para meu pai e que às vezes dormia em um quartinho lá em casa. Que ingrato, roubou o filho de seu patrão.

Vassili confirmou o roubo e as duas vozes riram muito. A voz desconhecida disse que iria comprar o relógio na próxima semana. Fiquei atordado, não podia deixar que um espertinho me fizesse de bobo. Não podia ser enganado daquela forma. Corri para casa e contei tudo para Davi. Pedi desculpas a ele por tê-lo tratado mal e por ter desconfiado dele.

Naquele dia Davi me surpreendeu muito. Primeiro ele me desculpou de forma muito racional e serena, dizendo que eu tinha tido uma reação, normal, lógica. Mas recomendou que eu comesse a discutir mais meus problemas, a conversar **FRANCAMENTE** com as pessoas, em vez de simplesmente ficar calado e agir às cegas. Depois, Davi ficou muito irritado com Vassili, irritado de uma forma que eu não poderia prever:

- ★ **BRONCO**: tosco, ignorante
- ★ **PRECIPITADAS**: apressadas, imaturas
- ★ **RELÍQUIA**: preciosidade
- ★ **FRANCAMENTE**: com sinceridade, lealdade





— Mas que patife! Que **DESCARADO**! Como ele pôde nos roubar assim? Que falta de respeito! Eu vou dar um jeito nesse **LARÁPIO**. Ah, vou. Se vou.

Fico pensando que talvez, naquele dia, Davi já estivesse irritado com alguma outra coisa e a história do relógio fez que explodisse. Curioso, perguntei:

— Tá, mas o que você vai fazer?

— Ora o quê?! Depois do almoço, na **SESTA**, vou falar com aquele **CAFAJESTE**. E se ele bobear, se não quiser devolver esse maldito cebolão, vai apanhar muito.

— É, realmente, o cebolão só causa confusão — eu disse, enquanto pensava que mais uma confusão estava para acontecer.

No dia seguinte, assim que ninguém mais escutava o ruído de garfos e pratos pelas ruas da Rússia, assim que o silêncio digestivo da sexta dominava o país, Davi foi até o quartinho onde Vassili estava, nos fundos da casa, perto do pomar. Eu o segui, com o coração **RUFANDO**.

Debaixo da antiga macieira, Davi olhou o ladrão por alguns segundos, como se estivesse fazendo um julgamento interno. Vassili era mais alto do que meu primo, mas a postura corporal e a determinação nos olhos de Davi pareciam equilibrar a disputa. Rompendo o silêncio, como se o julgamento estivesse acabado, meu primo falou:

— Vassili Tieriêntiev, há alguma coisa que você queira nos dizer?

Vassili permaneceu quieto.

— Vassili, dias atrás você viu Alexei e eu enterrarmos um relógio nesse local. Quando saímos você **SORRATEIRAMENTE** foi lá e o roubou — disse Davi com firmeza, quase gritando ao pronunciar “roubou”.

Vassili continuava quieto, mas agora com uma expressão de susto.

— Exigimos que você devolva o relógio agora!

— Mas que relógio, senhor? Eu não sei nada disso que o senhor está falando. Pelo amor de Deus, eu não tenho relógio nenhum!

- ★ **DESCARADO**: atrevido, desavergonhado
- ★ **LARÁPIO**: ladrão
- ★ **SESTA**: hora de descanso ou sono após o almoço
- ★ **CAFAJESTE**: sujeito vulgar, desprezível
- ★ **RUFANDO**: produzindo rufos, como no toque de um tambor
- ★ **SORRATEIRAMENTE**: de modo astuto, silencioso

— Vassili, eu sei que você o roubou. Pare de mentir. Você tem de ser homem para assumir seu erro. Devolva já o relógio!

— Mas eu não sei de relógio nenhum!

— Olha aqui, Vassili, ou você devolve o cebolão ou...

Vassili exibiu um sorriso desaforado na cara e disse:

— Ou o quê?

— Eu e meu primo vamos desmontá-lo a pau.

— Mas isso não é uma atitude digna de um senhor! Sujar as próprias mãos com um criado!

— Mas nós vamos usar facas! — gritou Davi, puxando da cintura uma grande faca com cabo de osso, enquanto eu fazia o mesmo com uma faca um pouco menor.

Meu primo já segurava o ladrão pela gola da camisa. Vassili sentiu que não estávamos brincando e começou a pedir perdão:

— Por favor! Senhor Davi Igóritch, poupe minha vida. Por favor, solte-me.

— Só vou soltar depois que o matar, ladrão.

— Mas eu não... Eu... Por favor, Davi, não vai matar um homem por causa de um relógio. Se o senhor me soltar eu trago o relógio aqui para o senhor agora mesmo.

Davi soltou Vassili, que chegou a cair no chão, com os músculos trêmulos de medo.

— Eu já volto! — disse e começou a correr até seu quatinho.

Em menos de um minuto estava de volta, o rosto vermelho de vergonha. Entregou o relógio e pediu dezenas de vezes para que não contássemos nada para meu pai.

Davi pegou o relógio e virou as costas sem dizer nada. Entramos em casa e eu comparava a firmeza de meu primo ao general Suvarov, um herói do povo naquele ano de 1801.

Capítulo 7

Quando entramos no quarto, Davi colocou o relógio sobre a mesa e disse:

— Ufa!

Rimos muito da cena. Vassili tinha acreditado que poderíamos ter acabado com ele. O relógio brilhava sobre a mesa. Eu pensei que talvez jamais conseguíssemos nos livrar dele. Perguntei a Davi o que faríamos agora com o relógio.





— Não faço ideia! — ele respondeu.

— Quem sabe o enterramos de novo? — falei.

— Não, passar por isso de novo, não. Quem sabe a gente doa o cebolão para o governo, para as vítimas do incêndio de Kassimov.

— Ou para a Raíssa — sugeri.

Sem dar explicações, Davi se recusou a presentear Raíssa com o relógio e a ideia de doá-lo ao governo foi oficializada.

Estávamos bolando uma carta para o governador, para entregar junto com o relógio, quando ouvimos um grito e um **ENTREVERO** crescente de vozes vindas de dentro da casa. Entreolhamo-nos e, antes de podermos tomar qualquer decisão, nossa tia entrou se **ESGOELANDO** pelo quarto.

— Cadê o relógio, seus ladrões? Cadê o relógio? — ela perguntava sem parar.

Trankilitátin, o cara de cavalo, também relinchava acusações contra nós. Em seguida vi meu pai, Lúchka, Vassili e uma outra mulher, amiga de Lúchka, que estava fazendo qualquer serviço para minha tia naqueles dias. Todo esse pessoal entrou como um furacão no quarto.

— Vassili, você nos entregou! — gritei, enquanto Davi pegava o cebolão de cima da mesa. Mais tarde vim a saber que, não Vassili, mas a amiga de Lúchka tinha nos delatado ao ver Davi brincando com o cebolão.

Por dois segundos o quarto ficou em silêncio. Apenas se ouvia o tic-tac do cebolão. Por fim meu pai abriu o berro:

— Seus moleques infernais! Davi, devolva já este relógio.

Sem pensar, agindo por puro instinto, Davi pulou a janela do quarto, correu pelo pátio, pulou o muro e ganhou a rua. Eu fiz o mesmo, afinal Davi era meu ídolo. Na rua, mesmo sem olhar para trás, eu ouvia aquela pequena multidão gritando:

— Segura esse patife! Pega ladrão!

Um verdadeiro **ALARIDO**. Nunca corri tanto em toda a minha vida. Corria com medo e euforia, posso dizer que estava quase feliz ao sentir todo o meu corpo pulsando, as pernas se esforçando ao máximo. Davi ia uns 200 metros na minha frente, descendo a rua, em direção ao rio Oka.

O vento esvoaçava nossos cabelos durante a disparada. Perto do rio consegui me aproximar de Davi e gritei:

- ★ **ENTREVERO**: confusão
- ★ **ESGOELANDO**: gritando
- ★ **ALARIDO**: gritaria, celeuma

— Para onde você vai?

— Para o rio — ele devolveu.

Vi Davi passar pelo guarda e entrar correndo na ponte de madeira. Quando o soldado percebeu que Davi estava sendo perseguido pela multidão, tentou acertá-lo com uma lança, mas errou o arremesso. Da margem, vi Davi subir no parapeito da ponte e lançar algo metálico: o relógio. Ele subiu uns quinze metros e, em seguida, começou uma curvatura em direção à água. Quando atingiu o rio, o relógio espalhou um pouco de água e desapareceu. Eu já estava na ponte, perto de Davi, quando o vi cair do parapeito. Fiquei desesperado com a cena. Será que Davi queria se matar, pensei com horror!

Vi a correnteza arrastá-lo por alguns metros e então ele sumiu para reaparecer mais adiante. Em seguida, desapareceu novamente e eu fiquei muito tonto e desmaiei. Quando me acordaram, minutos depois, a multidão havia chegado ao local onde eu estava. Meu pai tinha o rosto vermelho e preocupado. Do parapeito vi que uma pequena embarcação vasculhava vários locais no rio, na tentativa de resgatar meu primo. Ao longe reparei que retiravam alguma coisa das águas revoltas do Oka. Era um corpo. Pelas cores da roupa só podia ser meu primo, mas estaria vivo? Desviando das pessoas que lotavam a ponte, saí dali e corri pela margem. O pessoal lá de casa veio atrás de mim. Quando cheguei perto do corpo, um homem todo molhado tentava reavivar meu primo. Puseram Davi de cabeça para baixo, deram tapinhas em suas costas, sacudiram seus ombros. Até que ele começou a tossir e a vomitar água.

Vassili foi o primeiro a segurá-lo e a colocá-lo nos ombros:

— Vamos levá-lo para casa — disse com seriedade e uma vontade sincera de ajudar. Desde que vi aquela cena, passei a **ESTIMAR** Vassili.

Já em casa, meu pai e Vassili trocaram a roupa de Davi e o puseram na cama. Minha tia entrou no quarto enfurecida:

— Como está esse ridículo?

Ninguém respondeu e ela continuou sua **LADAINHA**:

— Deus castiga quem faz essas coisas! Deus castiga os ladrões!

Com um gesto meu pai mandou que ela se calasse. Ela e o cara de cavalo saíram do quarto **RESMUNGANDO** que Davi, além de ser um ladrãozinho sujo, tinha se desfeito do relógio valioso.

★ **ESTIMAR**: apreciar, prezar

★ **LADAINHA**: lengalenga, conversa monótona

★ **RESMUNGANDO**: falando por entre os dentes



Quando meu pai viu que Davi estava melhor, disse para Vassili deixar o quarto e me olhou de modo mortal:

— Rapaz, tenho um negócio para fechar agora, mas quando eu voltar é bom você preparar o lombo, pois vou lhe dar uma surra!

— E você, Davi — continuou meu pai —, vai se ver com a polícia, pois, além de ladrão, você **ATENTOU** contra a própria vida, cometeu um crime.

Saiu fechando a porta com força. Olhei para Davi e perguntei:

— O que foi que deu em você, cara? Por que tentou se matar?

— Será que até você vai me acusar agora, Alexei? — ele perguntou meio desesperado.

— Mas você pulou no rio!

— Eu subi na **MURETA** da ponte, joguei o maldito relógio fora e me desequilibrei! Eu caí. Nunca ia querer me matar. Eu quero ver meu pai voltar. Eu sei que falta pouco para ele chegar. Eu quero me casar com Raíssa, cuidar dela, ter filhos. Eu nunca vou tirar minha própria vida. Eu amo viver. Eu lutei com aquele rio gelado para não me afogar.

Tive medo de que ele tivesse um troço, porque ficou nervoso ao se explicar e teve um ataque de tosse, mas estava falando a verdade. Toda a verdade de seu bravo coração.

— Eu acredito em você, primo.

Ele sorriu por um instante e logo voltou a se preocupar:

— Onde está a Raíssa? Eu acho que a vi no meio da confusão lá no rio.

— É, ela estava lá no meio, mas não sei onde pode estar agora. Talvez tenha voltado para casa.

— Alexei, preciso de um favor. Acho que a correnteza me fez bater nas pedras ou em algum tronco e eu fiquei todo estourado na perna. Queria falar com a Raíssa, para deixá-la tranquila, mas não posso. Então, preciso que você vá até a casa dela e diga que eu estou bem, só preciso descansar. Diga para ela que amanhã eu vou visitá-la. Mas vá agora, porque ela deve estar muito preocupada.

Cuidando para não ser visto por meu pai, fiz como Davi pediu. Quando cheguei à casa (quase barraco) onde ela morava, vi a coitada sentada, triste e muda no degrau da porta da frente. Os vizinhos gritavam que Raíssa estava muda, igual a irmã. Diziam que o susto de ter visto o noivo pular no rio e desaparecer a havia

★ **ATENTOU**: fez um atentado, tentou causar dano

★ **MURETA**: pequeno muro

TRAUMATIZADO. Quando ele pulou e foi levado pelo rio, ela entrou em desespero e voltou para casa, sem ter visto seu namorado ser resgatado e carregado para casa.

Sem saber direito o que falar, fui me aproximando dela e sentei ao seu lado. Olhei bem para a namorada do meu primo. Embora estivesse triste, seu rosto tinha uma **DIGNIDADE** e uma beleza única. Na dificuldade de encontrar as palavras, resolvi ser direto:

— O Davi está vivo, Raíssa!

O olhar dela parou e, por um momento, a tristeza foi substituída pelo espanto.

— Ele só não veio aqui porque ainda tá meio fraco, mas pediu que eu viesse aqui e lhe dissesse que ele está bem e que amanhã vem vê-la.

Um sorriso nasceu no seu rosto e fez outro nascer no meu. Daí ela levantou e começou a caminhar em direção à rua. Nisso seu pai apareceu na janela e começou a gritar. Demorei um pouco para entender, mas ele gritava comigo, tentava me xingar, embora, devido à sua apoplexia, várias palavras saíssem trocadas.

Raíssa não deu atenção aos gritos do pai e foi subindo a rua em direção à minha casa. Eu fui atrás dela. Vi quando, corajosa, ela entrou em minha casa, passou pela minha tia que conversava com o cara de cavalo. Depois, desviou de Vassili e entrou no quarto. Movida pela emoção, Raíssa se jogou sobre Davi, na cama, e o abraçou por vários minutos. Foi uma cena bonita. Os dois conversavam baixinho, os olhos brilhavam, pareciam estar em outro mundo. Já no meu mundo, minha tia parecia uma sirene gritando. Gritou tanto que meu pai ouviu e foi até o quarto ver o que estava acontecendo.

Capítulo 8

— Mas que pouca vergonha é essa que está acontecendo aqui? — gritou meu pai, tomado de fúria.

Todos se calaram.

— Hein? Alguém me responda! O que a filha do meu maior inimigo e esse maluco do meu sobrinho estão fazendo em cima desta cama? Por acaso estamos no Império Russo ou na República da França?

Ninguém respondeu.

★ **TRAUMATIZADO:** que sofreu agressão emocional

★ **DIGNIDADE:** autoridade moral, decência, respeitabilidade





— Vocês estão no país errado, meus jovens. Se procuram **LUXÚRIA**, se procuram **SACANAGEM** e se procuram esses atos **LIBERTINOS**, vocês devem ir para a França! E você, mocinha, saia já de cima de Davi! Já!

Raíssa se ergueu. Tinha o rosto assustado.

— Saia já desta casa! Vamos!

— Tio! — Davi gritou, começou a tossir e depois complementou: — Ela já está de saída, não precisa ser grosso.

— Mas era só o que me faltava! Além de me dar vários prejuízos, meu sobrinho também dá ordens para mim! Fique quieto antes que eu o expulse daqui também!

— Que prejuízos? — quis saber Davi.

— Ora, não se faça de tonto! Você acabou de estragar suas roupas, de jogar fora um relógio valioso, de fazer um **FIASCO**. Além disso, tive de dar uma boa recompensa em dinheiro aos homens que o salvaram e o trouxeram até aqui, rapaz. E agora, em vez de estar trabalhando, estou aqui discutindo com você, enquanto vejo essa **RAPARIGA** jogar a própria **COMPOSTURA** no lixo. Onde já se viu uma moça entrar assim no quarto de um rapaz e cair em cima dele?

— Não ofenda a Raíssa, tio!

— Ora essa, cala a boca, pirralho!

— Não fala assim comigo, tio!

— Eu disse para calar a boca!

— Eu não admito que o senhor ofenda a minha futura esposa!

Meu pai começou a rir de Davi, assim como minha tia.

— Você não tem idade para casar, mocinho. E terá de pedir permissão para mim!

— Não, eu vou pedir permissão para o meu pai!

Talvez o bate-boca se estendesse por muito tempo, mas todos pararam de falar quando entrou no quarto uma figura muito magra, encurvada, o rosto branco e enrugado. Vestia roupas velhas, sujas e amassadas, era Látkin, o pai de Raíssa.

- ★ **LUXÚRIA**: sensualidade
- ★ **SACANAGEM**: devassidão, libertinagem
- ★ **LIBERTINOS**: sem nenhuma moral, depravados
- ★ **FIASCO**: vexame, fracasso
- ★ **RAPARIGA**: feminino de rapaz
- ★ **COMPOSTURA**: seriedade, comedimento

Meu pai ficou perturbado ao ver a figura **DEPLORÁVEL** de seu ex-sócio. Toda a raiva que estava sentindo por Davi e toda amargura que sentia desde que havia terminado a sociedade com Látkin foram substituídas por um sentimento de pena e **COMPAIXÃO** ao ver aquele homem que havia sido seu grande amigo, naquele estado de farrapo humano.

Látkin balbuciava palavras **A ESMO** e sem **NEXO**. Mas era possível entender que estava preocupado com Raíssa, que tinha ido até nossa casa para resgatar a filha. Meu pai se calou e viu Látkin se ajoelhar diante dele e lhe pedir desculpas pela traição ao negócio que tinham. Então meu pai também se ajoelhou e rezou um pouco com seu antigo amigo e, por fim, também lhe pediu perdão. Depois, para esconder um choro que tentava lhe escapar, meu pai se retirou do quarto, dizendo que fizéssemos o que achássemos melhor. Ele não iria mais interferir. Raíssa deixou o quarto e acompanhou Látkin de volta para casa. Davi prometeu visitá-la no dia seguinte.

Ainda naquele dia comprido, mais dois fatos importantes aconteceram. No final da tarde Látkin morreu, com uma expressão tranquila no rosto. À noite, para a completa surpresa de todos, legor, o pai de Davi, chegou à nossa casa. Davi ficou muito feliz e os dois passaram a noite inteira conversando.

No dia seguinte teve a missa e o funeral de Látkin. legor conheceu Raíssa e a aprovou como futura nora. Aos poucos a vida voltava ao normal. Em 1806, meu primo se casou com Raíssa e, em 1812, aos 28 anos, morreu na guerra, na famosa batalha de Borodínó, defendendo Moscou como tenente do nosso exército na guerra contra Napoleão.

Em Riazan, minha cidade, muitas coisas continuaram acontecendo. Eu virei adulto e tive vários relógios, até de ouro. Mas, se você procurar bem, no fundo de uma gaveta em meu escritório, vai achar um belo cebolão de prata que comprei de um mercador judeu, porque era muito parecido com o relógio dessa história. Quando estou triste ou aborrecido com o trabalho, tiro o cebolão da gaveta e fico olhando para ele, lembrando dos dias felizes da adolescência. Dias que não voltam mais.

- ★ **DEPLORÁVEL**: lamentável, lastimável
- ★ **COMPAIXÃO**: piedade, dó em relação ao sofrimento de outras pessoas
- ★ **A ESMO**: sem rumo
- ★ **NEXO**: sem coerência



ROTEIRO DE LETURA

- 1) Quando e onde se passa a história?
- 2) Quem é o narrador da história?
- 3) Um personagem usava pó de arroz no rosto, quem era ele?
- 4) Na época da história, 1801, estava na moda usar pó de arroz no rosto. Hoje isso seria muito estranho. Que moda usada hoje você acha que vai ser ridícula em 2021?
- 5) Por que Alexei decidiu livrar-se do relógio?
- 6) Como Alexei fez para livrar-se do relógio pela primeira vez?
- 7) Se Alexei vivesse no Brasil, seria fácil ou difícil encontrar mendigos na rua? Faça uma pesquisa com a orientação de seu(sua) professor(a) de Geografia para descobrir se Alexei vivesse na Rússia atual encontraria tantas crianças de rua?
- 8) Alexei não suportava ser rejeitado por Davi. Por que você acha que isso acontecia?
- 9) Você já fez algo que decepcionou outra pessoa? Foi possível consertar a situação?
- 10) Qual personagem do livro você mais gostou? Por quê?
- 11) Descubra e conserte o erro gramatical da seguinte frase, dita por Alexei: “Ou eu espatifo ele no chão agora mesmo!”
- 12) O que aconteceu com Alexei quando seu pai descobriu que ele tinha dado o relógio a Lúchka?
- 13) No lugar do pai de Alexei, o que você teria feito ao descobrir que o filho tinha doado o relógio?
- 14) Encontre no Capítulo 2 as palavras “por que”, “porque”, “por quê” e “porquê” e tente explicar o motivo pelo qual elas são escritas de formas diferentes.
- 15) Se você fosse Alexei teria ficado com o relógio? O que teria feito?
- 16) Para o narrador, o personagem Nastassêi se parece com uma raposa e Krisante com um cavalo. E quanto a você, seu rosto lembra o de algum animal? Por quê? Compare sua resposta com a dos colegas.

- 17) Látkin agiu certo ao desfazer as negociatas de seu sócio, o pai de Alexei?
- 18) No Capítulo 7, Davi e o pai de Alexei discutem e dizem que na prisão da Sibéria há muitas pessoas boas. Pesquise que tipo de crimes os presos da Sibéria cometiam.
- 19) Na história do Brasil muitas pessoas foram presas por terem cometido crimes parecidos. Pesquise em quais períodos isso ocorreu e que crimes foram esses?
- 20) Forme um grupo de no máximo quatro alunos, escolha um diálogo do livro e o apresente em sala de aula.



O RELÓGIO

Ivan Turguêniev

BIOGRAFIA DO AUTOR

Ivan Turguêniev nasceu na cidade de Orel, no dia 9 de novembro de 1818, na região ucraniana da Rússia imperialista. Embora sua família fosse rica, sua infância foi solitária e triste, pois seu pai, Sergei Turguêniev, morreu, e sua mãe, Varvara Petrovna Lutovinova, era perversa e batia muito nele. Com 16 anos foi estudar em São Petersburgo, Moscou, por um ano, onde ficou por três anos, mudando-se em seguida para Berlim. Durante esse período de estudos, Turguêniev ficou conhecido como um poeta romântico.

Quando voltou ao país, Turguêniev trabalhou no ministério por pouco tempo, até decidir largar o emprego para dedicar-se à literatura. Nessa época, ele se apaixonou pela cantora Pauline Viardot-Garcia e esses dois fatos arruinaram de vez todo o entendimento com sua mãe.

Entre as principais obras de Turguêniev podem-se destacar os romances, *Pais e Filhos*, *Rudin* e *Terra Virgem*, a peça teatral “Um Mês no Campo” e vários contos. O livro *Memórias de um Caçador*, lançado em 1852, continha contos que denunciavam a dura vida dos camponeses, influenciando o Czar Alexandre II a melhorar um pouco a condição dos trabalhadores no império.

Mesmo assim, o autor foi preso por criticar o governo em alguns textos. O confinamento foi uma fase de grande produção para Turguêniev. Quando deixou a prisão, incomodado com os críticos, o autor foi viver na Alemanha e na França, onde fez amizade com vários escritores, artistas e intelectuais. Suas viagens e amizades influenciaram no seu texto e Turguêniev é considerado um dos autores russos mais ocidentalizados. Essa diferença lhe deu a capacidade de confrontar monarquia e república, Rússia e França, campo e cidade, exploração e libertação, o velho e o novo. O presente texto demonstra alguns aspectos desse confronto, principalmente nas discussões entre o pai do narrador e Davi.

Portanto, não seria um exagero dizer que Ivan Turguêniev nasceu velho (na velha Rússia) e morreu novo (em Bougival, perto de Paris) em 4 de setembro de 1883.

